

Haja uma tarde chuvosa e quente

Em 2021 o Festival de Salzburgo propôs a Milo Rau que encenasse *Jedermann* (que pode traduzir-se por *Todos os homens*), de Hugo von Hofmannsthal (1874-1929), uma peça anualmente revisitada por numerosos artistas convidados pelo certame. Mas a Rau, que se tem dedicado ao teatro documental, não lhe interessava montar essa alegoria, na qual um homem rico é visitado pela morte. O que ele queria mesmo era voltar a trabalhar com uma actriz do elenco residente da Schaubühne, Ursina Lardi, que considera a melhor intérprete de teatro em língua alemã. E é neste ponto que surge uma missiva que essa intérprete recebera em meados do ano anterior.

Em 2020 está-se em confinamento. Os teatros de Berlim estão fechados. E Ursina Lardi recebe uma carta. É de Helga Bedau, uma admiradora do seu trabalho. Nada de muito novo. O que chama a atenção da actriz para a história desta espectadora é ela revelar-lhe que

tem um cancro no pâncreas e que já não lhe resta muito tempo. Custa-lhe viver, para mais confinada em casa. Sofre por não poder ir ao teatro. Revela que na juventude participara como figurante num *Romeu e Julieta*. É justamente esse o seu último desejo: voltar a pisar um palco. Milo Rau criou então um espectáculo com estas duas mulheres — *Everywoman* —, no qual uma actriz, viva, em cena, vai dialogando, através de uma gravação vídeo, com uma espectadora que é uma admiradora indefectível do seu trabalho. A peça conclui-se como Helga desejaria ter-se finado: numa tarde chuvosa e quente de Verão, ao som de Bach.

O encenador suíço acredita que “a morte é a única coisa que, para nós, é verdadeiramente impensável, quer no que se refere à nossa própria experiência enquanto indivíduos, quer no seu entendimento filosófico. Mesmo nos melhores livros, é sempre como se a morte fosse uma realidade objectiva da qual quem a ela se refere é ex-



© Armin Smalovic

cluído. Não conseguimos aceitar a morte. Não porque não tenhamos grandeza para tal, ou porque não sejamos suficientemente inteligentes, mas porque é inimaginável. Como diz a Ursina na peça: “por que é que não há nada de novo so-

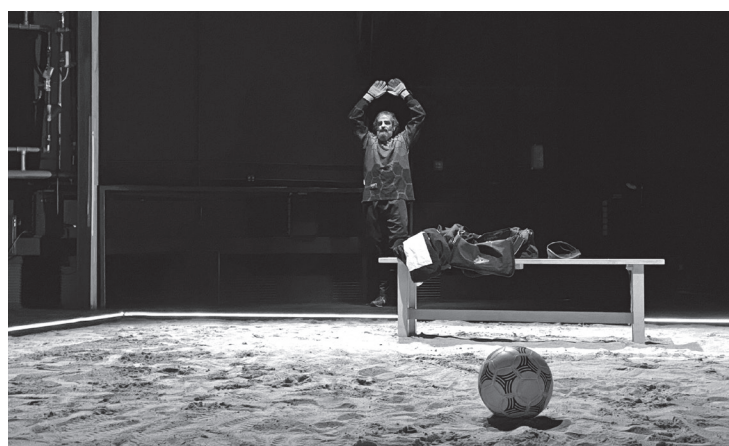
bre a morte? Tudo o que vemos, e vivemos — tudo o que somos — se reflecte na nossa forma de falar da morte. As palavras ditas sobre a vida valorizam-na e resgatam-na desse fim, que é inexplicável e não tem qualquer sentido”.

Quem nunca pecou...

Em 2021 o dramaturgo e encenador galego Pablo Fidalgo deparou com uma fotografia da fachada do colégio onde estudara — o Seminário dos Maristas, em Vigo — na capa do *El País*: alguns ex-alunos quebravam o peso de várias décadas de silêncio e denunciavam os abusos sexuais de que haviam sido vítimas nos anos 60. O efeito desta revelação deixa-o doente: o criador passará algumas semanas no hospital, onde começa a fermentar a ideia de elaborar uma *Enciclopédia da dor* dedicada aos traumas que os nossos corpos carregam, sem que nos dêmos conta, e que emergem quando menos esperamos. O primeiro tomo desta enciclopédia, depois de passar pelo

Festival de Viena do ano passado, chega agora ao Festival de Almada e chama-se *Isto que não saia daqui*: a expressão que a mãe de Pablo utilizava, num misto de segredo e de vergonha, e que ele tanto ouviu na infância. O próprio nos conta que “éramos filhos de famílias fechadas sobre si mesmas: filhos do silêncio, da repressão e da ditadura”.

Isto que não saia daqui consiste numa revisitação da adolescência — em particular, do tempo que Pablo Fidalgo passou no colégio religioso em que estudou, e da violência que aí sofreu, como se em Espanha, nos anos 90 do século passado, o franquismo ainda perdurasse no sistema de ensino e na cabeça de alguns profes-



© Carla F. Cabané

res. “Os mais velhos ‘levavam-no ao poste’: pegavam-lhe em peso e esmagavam-lhe os genitais contra a baliza, enfiando-lha entre as pernas. Mais tarde, lembra-se de ferir o próprio corpo, como que para libertá-lo da memória da violência da ditadura”. Os primeiros homens

que denunciaram os abusos neste seminário foram desacreditados pela imprensa local. Na Galiza, a Igreja tem peso. Perto do final, o guarda-redes que nos conta esta história ajeita a bola de futebol de salão no centro do palco: quem vai ser o primeiro a rematar?

Fora de horas na Esplanada, Acto II

Marta Miranda é a voz inconfundível e figura de proa dos O'QueStrada, um projecto musical de Almada que veio a tornar-se numa referência da nova música urbana portuguesa. Com o seu parceiro artístico, Jean Marc Pablo, chegou a criar e dirigir um dos espaços mais dinâmicos da cena musical lisboeta: a TascaBeat do Rosário. No bairro de Alfama,

reunia fadistas tradicionais, público de todas as idades e artistas de diferentes horizontes. Miranda — que, além da música, tem também o talento nato de conseguir juntar diferentes comunidades numa alma comum — reúne no seu Miranda Trio os companheiros dessas noites míticas. Acompanhada pela 'contrabacia' (o contrabaixo dos pobres) de Jean Marc Pablo e a viola

de Luís Guimarães, a intérprete evoca nesta noite de Festival a sua sonoridade de 'Fado-Beat', num formato acústico simples e poderoso. O repertório varia entre alguns clássicos do fado, revisitados, um conjunto de canções do seu novo disco, e ainda algumas pérolas que serão cantadas por todos. O concerto é amanhã, começa às 23h00 — e não se sabe quando acaba.



O lado do coração

"Sem esta interacção não há teatro": foi o que defendeu ontem Peter Stein, numa conversa com o público moderada por João Carneiro.

O decano encenador alemão — que na véspera tinha apresentado *O aniversário*, de Harold Pinter, no Palco Grande — viajou por duas cronologias: a sua, e a do teatro. Concluiu, depois do tanto que fez em sessenta anos, que "este já não é o meu tempo". Só que os olhos ainda lhe brilham quando fala da experiência recente que foi encenar a peça que trouxe este ano a Almada: "Tentem ler uma peça. Não se percebe nada. É preciso



© Luana Santos

pô-la em palco para a perceber. É sempre assim", explicou, quando lhe perguntaram acerca do seu método de trabalho.

"Nesta obra de Pinter nunca sabemos se o que dizem as personagens é fantasia ou realidade. Percebemos que há um indivíduo a contos com uma organização, mas não sabemos qual, nem porquê. Embarcamos, do princípio ao fim, num barco à deriva", revelou, sublinhando ainda a importância de

trabalhar as dinâmicas do palco. "Não é a mesma coisa um actor entrar em cena pela direita ou pela esquerda, que é o lado do coração. Se um actor se movimenta na direcção de outro da esquerda para a direita — que é a mesma direcção de quando escrevemos (ao contrário dos árabes) —, então essa marcação tem muito mais força, e essa personagem tem muito mais poder do que aquela com quem vai ter, não acham?".

'Italiana' vs. 'Alemã'

TEATROLOGIA

Tal como não há dois espectáculos iguais, também não há dois ensaios iguais. A forma de ensaiar conheceu, ao longo dos tempos, uma História paralela ao modo de fazer teatro. No século XIX, os 'ensaiadores' exigiam poucos ensaios (*répétition*, em francês) às 'primeiras figuras', que raramente estavam na disposição de 'repetir' o que quer que fosse. Essas sessões consistiam praticamente só em acertos técnicos. Mas no século XX, sobretudo após Stanislavski, tudo mudou: os ensaios passaram a ser uma prática indispensável. E, entre o primeiro ensaio de leitura, à mesa, e o ensaio geral, antes da estreia, os actores passaram (idealmente) a trabalhar com o encenador as suas formas de 'habitar' o texto.

Foi assim que surgiram as expressões 'fazer uma italiana' e 'fazer uma alemã', que têm origem na tradição da forma de ensaiar nesses países. Num ensaio 'à italiana', os actores limitam-se a 'passar o texto', a dizê-lo de memória. Ficam sentados, com a peça na mão, sem se preocuparem com as 'marcações' (movimentos em cena). Mas num ensaio 'à alemã', embora continuem sem representar, os intérpretes já evoluem no palco, debitando as suas falas e fazendo as marcações anteriormente estabelecidas pelo encenador (idealmente, também).

É muito comum — sobretudo quando há actores mais jovens nos elencos, que jamais se tenham cruzado com estas expressões nos cursos de teatro que frequentaram —, quando alguém diz no início de um ensaio que "É para fazer uma alemã", ou "O encenador está atrasado: fazemos uma italiana", outro alguém se lembrar logo de fazer trocadilhos de mau gosto. Também no que toca ao panejamento de cena, a 'cena alemã' é diferente da 'cena italiana' — mas este texto já ultrapassou os caracteres devidos, e, se querem saber mais, perguntem ao Guilherme que ele explica (se tiver tempo). // Rui Lagartinho

AGENDA DE AMANHÃ

17:00 e 21:30 | Teatro

A equipa

Incrível Almadense

20:00 | Música

Leo Midde

Escola D. António da Costa

21:00 | Teatro

Everywoman

Centro Cultural de Belém

21:30 | Teatro

Calvário

Teatro Municipal Joaquim Benite

21:30 | Teatro

La enciclopedia del dolor.

Tomo I: esto que no salga de aquí

Fórum Romeu Correia

23:00 | Música

Miranda Trio

Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Lasanha de carne
Choco guisado com puré de batata
Salada de cuscus

AMANHÃ

Legumes recheados
Peixe frito com arroz de grelos
Borscht

APP
FESTIVAL
DE ALMADA

